

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.4 - 2010 - pp.127-156 / www.sexualidadsaludysociedad.org

“Mas agora confessa...”

Notas sobre clubes de sexo masculinos

Camilo Albuquerque de Braz

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil

> camilo_braz@yahoo.com.br

"Mas agora confessa..." Notas sobre clubes de sexo masculinos

Resumo: Neste artigo, partindo de dados etnográficos de uma pesquisa nos clubes de sexo de homens da cidade de São Paulo (Brasil), eu discuto como diferentes marcadores de diferença operam nesses locais para constituir corpos desejáveis e sujeitos inteligíveis. Além disso, exploro particularmente uma reação recorrente durante a minha investigação, que se manifestava em um ar de desconfiança quanto ao meu "real" interesse pelo campo e meu "verdadeiro" comportamento nele. A ideia para o presente trabalho nasceu quando decidi transformar o incômodo gerado por tal reação em questão de pesquisa.

Palavras-chave: etnografia; sexualidade; gênero; masculinidades; homossexualidade

"Pero ahora confiesa..." Notas sobre clubes de sexo masculinos

Resumen: A partir de datos etnográficos de una investigación en clubes de sexo de hombres de la ciudad de San Pablo, Brasil, discuto en este artículo cómo operan en esos lugares los distintos marcadores de diferencia para constituir cuerpos deseables y sujetos inteligibles. Además, exploro particularmente una reacción recurrente durante mis pesquisas, que se manifestaba en un cierto aire de desconfianza respecto de mi "real" interés por el campo y mi "verdadero" comportamiento en el mismo. La idea del presente artículo surgió cuando decidí transformar la incomodidad generada por dicha reacción en materia de investigación.

Palabras clave: etnografía; sexualidad; género; masculinidades; homosexualidad

"But now confess..." Notes on male sex clubs

Abstract: In this article, using ethnographic data from a research at male sex clubs in the city of São Paulo (Brazil), I discuss how distinct difference markers operate in these venues to create desirable bodies and intelligible subjects. Moreover, I explore a recurring suspicion during the research about my actual interest and behavior in the field. This work rose when I decided to turn the discomfort generated by such reaction into research matter.

Keywords: ethnography; sexuality; gender; masculinities; homosexuality

Introdução

Os percursos teóricos, metodológicos e etnográficos que me levaram a delimitar clubes de sexo masculinos como campo de investigações e a construir as questões que queria entender a partir daí confundem-se de tal modo que não sei discernir qual deles “determina” o outro.¹ Talvez porque a questão aqui – como alhures – não seja de determinação, mas de relação. Meu objetivo principal neste artigo é o de materializar esses percursos em texto.

Locais comerciais para encontros sexuais (LCES) em São Paulo

Dentro do mercado contemporâneo de bens eróticos (Gregori, 2007) em São Paulo, há um vasto e diversificado segmento voltado para pessoas que buscam relacionar-se com outras do mesmo “sexo”, incluindo homens que buscam sexo com outros homens.² Muitas boates e bares paulistanos contam com um espaço específico para sexo, os chamados *dark rooms* (Oliveira, 2006; Díaz-Benitez, 2008).

¹ Este artigo é um resultado preliminar da pesquisa de Doutorado em Ciências Sociais que venho realizando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da professora Dra. Maria Filomena Gregori (Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU)/IFCH), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Júlio Simões e Sérgio Carrara apontam para o diálogo crítico em relação à denominação HSH (homens que fazem sexo com homens), que surgiu nas políticas de saúde e que, do seu ponto de vista, buscava equivocadamente “contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais” (Carrara & Simões, 2007: 93). Para os autores, “um problema com a categoria HSH é dissolver a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal “homem” com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico, ao mesmo tempo em que permite evocar as bem conhecidas representações da sexualidade masculina como inerentemente desregrada e perturbadora” (2007:94, nota 35). Em outro texto, Simões aponta as controvérsias que envolvem as formas de categorização utilizadas para referir e classificar práticas erótico-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O uso da expressão “homens que fazem sexo com homens” seria, desse modo, uma tentativa de neutralizar a carga política e cultural de termos como “homossexual” ou *gay* (Simões, 2004). Concordo inteiramente com o autor quando diz não ser esta denominação isenta de tais cargas. Não tenho a pretensão de resolver tal questão aqui. Se a utilizo neste ponto, é apenas como referência a estabelecimentos comerciais que são denominados como locais para sexo entre homens.

Há também muitas saunas para homens,³ bem como bares que contam com cabines para o sexo, além dos cinemas-pornô⁴ e das cabines onde se paga para assistir filmes pornográficos, espalhados pelo centro da cidade.

A região do centro de São Paulo, sobretudo nas proximidades do Vale do Anhangabaú e da Praça da República, constitui um entorno historicamente frequentado por homens que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens (Green & Trindade, 2005). MacRae inclui nessa lista os arredores da Avenida Ipiranga (MacRae, 2005), enquanto França e Simões lembram da famosa Avenida Vieira de Carvalho, que abarca uma intensa sociabilidade *gay* (França & Simões, 2005).

De acordo com essa produção, antes da criação de um mercado comercial voltado para esse público em meados dos anos 1960, as trocas homossexuais se davam em bailes carnavalescos, pela prática do *footing* em parques, praças, bem como pelas “caçadas” em banheiros públicos, cafés e restaurantes, que abarcavam a sociabilidade dos homens que buscavam outros homens, embora aqueles de camadas sociais mais elevadas preferissem festas particulares e jantares em casas e apartamentos de amigos. É na década de 1960 que são abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente “homossexual” de classe média “que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos” (MacRae, 2005:292).

O número de estabelecimentos, tais como saunas e boates, cresce nas décadas seguintes. Depois da abertura política, nos anos 80, aumenta o número de estabelecimentos do chamado “mercado *gay*”. A palavra *gay* para se referir a esse público é “importada” nesta década. Segundo MacRae, “a origem anglo-saxônica empresta-lhe um *glamour* de coisa de país desenvolvido”. O autor nomeia tal movimento como o de formação de um “gueto homossexual” no centro de São Paulo, enfatizando sua dimensão política e cultural, no sentido de ocupação de um “espaço público” por parte de sujeitos marginalizados.

França e Simões nos lembram que o caso paradigmático para se pensar num

³ Uma investigação sobre saunas *gays* na capital paulista vem sendo realizada por Elcio Nogueira dos Santos (Santos, 2007; 2008). Vale mencionar também um trabalho de Antonio Crístian Saraiva Paiva, no qual o autor descreve a experiência de pesquisa numa sauna no centro da cidade de Fortaleza (Paiva, 2009).

⁴ É válido aqui mencionar duas pesquisas realizadas sobre cinemas pornô no Brasil, em dois contextos diferentes – uma no Rio de Janeiro (Terto Junior, 1989), outra em Fortaleza (Vale, 2000). É importante também mencionar o mapeamento dos chamados “cinemões” de São Paulo, levado a cabo por alunos de graduação da USP (Fábio, França Rosa & Vallerini, 2008), além de um estudo de Alexandre Eustáquio Teixeira sobre locais de “pegação” entre homens em Belo Horizonte (Teixeira, 2009).

gueto homossexual é a cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Lá ele constituiria um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização, sendo inclusive local de moradia desse público. Em São Paulo, esse processo teria mais a ver com os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual (França & Simões, 2005).

A referência aqui é o trabalho de Perlongher (2005; 2008), que critica a transposição mecânica da noção de “gueto *gay*” (que implicaria a universalização da política de identidade *gay*) para São Paulo, preferindo em seu lugar uma caracterização socioantropológica das territorialidades homossexuais na cidade. Usando categorias propostas por Magnani, como “manchas” e “circuitos”, que procuram dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, em diálogo com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis (Magnani, 2008), pode se afirmar que, na São Paulo contemporânea, haja diferentes circuitos para essa população, em diferentes regiões da cidade. Seus sujeitos são agrupáveis não só pela orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo”,⁵ pelo modo a partir do qual expressam suas preferências sexuais etc. França aponta a crescente importância do mercado na promoção e na difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais na atualidade (França, 2007).

Esse movimento chegou até a realidade virtual. Foi nesse contexto que surgiu a categoria GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes),⁶ propagada a partir do Festival MixBrasil de 1994, que incluía uma página e um festival de cinema “alternativo”

⁵ A noção de estilo surgiu a partir das indagações dos pesquisadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, interessados em subculturas juvenis “de classe” que conformariam formas de resistência em face da cultura dominante. A relação entre os estilos e a indústria cultural, segundo Helena Abramo, foram o mote de boa parte desses estudos (Abramo, 1994). A autora retém a ideia de apropriação e repropriação de elementos simbólicos presente na noção de estilo para pensar as “culturas juvenis” por ela estudadas, apontando para processos que ainda que possam ser vistos como identitários, não definem identidades necessariamente permanentes. Utilizei essa ideia em minha pesquisa de mestrado, realizada junto a jovens adeptos(as) e profissionais da chamada *body modification* na cidade de São Paulo (Braz, 2006).

⁶ Para França, GLS passou desde então a ser associada a um estilo “moderno e descolado”, caracterizando um público de alto poder aquisitivo e capital simbólico distintivo: “Quando surgiu, o termo GLS foi rapidamente associado a um público “moderno”, interessado por arte, música, conectado à última moda e frequentador da noite” (França, 2007: 236). Se no início os autores da sigla pretendiam uma diferenciação entre estabelecimentos “GLS” e *gays*, o fato é que a sigla GLS popularizou-se a tal ponto que hoje em dia é bastante comum que se utilizem os dois termos como sinônimos para se referir a esse mercado (França, 2007).

voltados para esse público emergente (ver França, 2006). Isto contribuiu para a diluição das fronteiras do que se poderia antes chamar de “guetos”, embora sua ênfase mercantil tenha levado a outros processos de diferenciação por parte de outros grupos, como os de militância que, ao invés da sigla GLS, passam a se denominar de outras formas.⁷

Observações livres...

Realizei um “pré-campo” ao longo do ano de 2006, durante o qual anotava em meus diários “observações livres” (Perlongher, 2008), ao mesmo tempo em que buscava delimitar o campo para observações mais densas. Comecei frequentando páginas da internet relacionadas aos estabelecimentos comerciais para sexo em São Paulo, bem como comunidades do Orkut, rede virtual para contatos eletrônicos (Parreiras, 2008), que os tinham como tema principal. Além disso, passei a incursionar em páginas para a busca de parceiros afetivo-sexuais (Disponivel.com e Manhunt.net).

Um dado que me chamou a atenção em minhas incursões *on line* é que na grande maioria dos perfis cadastrados em tais páginas os usuários buscavam conhecer “caras machos”, com postura “masculina”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Apresentar-se como “discreto”, “fora do meio” e, sobretudo, “não-efeminado” parecia ser uma maneira de se tornar mais valorizado sexual e afetivamente. Tanto aqueles que se identificavam nas páginas como ativos (penetradores) quanto os passivos (penetrados) declaravam-se “não-efeminados” e buscavam parceiros como eles.

Esses dados me intrigaram, num primeiro momento, pela existência de uma vasta tradição de estudos sobre as “homossexualidades” no Brasil, que remonta à década de 1980 e tem a obra pioneira de Peter Fry (1982) como referência. Tais estudos localizaram um sistema classificatório em que as práticas homoeróticas podiam ser pensadas a partir de dois modelos contrastantes. O primeiro, moderno e igualitário, remetia a homens de camadas médias que se autoidentificam enquanto *gays* ou *entendidos*, como os cariocas estudados por Carmem Dora Guimarães (Guimarães, 2004). O segundo, de tradição e hierarquia, seria composto por homens de camadas populares, cuja autoidentificação se daria (dentre outros fatores)

⁷ Sergio Carrara e Júlio Simões apontam que a sigla que vinha sendo utilizada recentemente para nomear o movimento organizado entrou em diálogo crítico com a GLS, advinda do mercado segmentado, “que reelaborava a ambiguidade classificatória para ampliar o potencial de inclusão” (Carrara & Simões, 2007:93).

a partir da posição assumida nas relações sexuais. Nesse modelo, as “bichas” seriam os passivos, considerados homossexuais, em oposição aos “bofes”, que se valeriam de uma suposta ambissexualidade (Duarte, 2004).

Em *O Negócio do Michê*, Perlongher já lidava com tais ambivalências. Sua análise do “curioso comércio, onde os ‘normais’” aparecem prostituindo-se para os “desviantes” (Perlongher, 2008: 45) não deixa de levar em conta as relações entre a apropriação da virilidade e a afirmação da heterossexualidade por parte dos jovens michês estudados que, por meio destes recursos, não “abandonavam a cadeia discursiva da normalidade” (2008:46). No prefácio à reedição do livro, Richard Miskolci e Larissa Pelúcio nos lembram que

O paradoxo do negócio do sexo entre homens se desfaz quando se entende que o que se compra e vende não é apenas o corpo, mas um corpo marcado pela masculinidade nos moldes hegemônicos. Dorsos fortes, bíceps inchados, membros dilatando o jeans apertado, ícones da michetagem que Perlongher analisou, servem agora de identidades iconográficas em páginas de sites de relacionamento, onde rapazes viris oferecem seus corpos marcados pelo excesso. Uso hiperbólico que denuncia, mas que ainda assim pode ser lido como reverência à heterossexualidade (Miskolci & Pelúcio, 2008:18).

Para mim, esse uso hiperbólico parecia indicar uma dissociação entre a penetração do corpo e sua “feminização”, expressada pela quase exigência de que os “passivos” sejam tão masculinos quanto os “ativos”. Esta interpretação parecia convidar a uma problematização da própria noção de erotismo. Segundo Gregori (2003), a apropriação feita por Bataille (1987) dos escritos de Sade perpassa boa parte da literatura sobre o tema. Inspirando-se em Sade, Bataille sugere que o erotismo deve ser pensado como transgressão às convenções morais. A autora salienta que esta concepção é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo, sendo ainda limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero.⁸ A questão que me coloquei é se esta concepção do erótico via Bataille dava conta de explicar os dados aqui referidos.

Passei a me perguntar se as nuances relativas a esse “sexo entre masculinos” estariam também presentes nos locais comerciais para encontros sexuais (LCES), tal como apareciam em páginas da internet. Passei a realizar “observações livres” (Perlongher, 2008) em alguns LCES, como saunas gays e “cinemões de pegação”.

⁸ Para uma análise da apropriação de Sade por Bataille, ver Gallop (1981).

Masculinos...

Nesse ínterim, tive acesso a um pequeno artigo publicado na *Folha de São Paulo*, no qual o antropólogo Sérgio Carrara apoiava-se nos resultados de pesquisas junto a participantes das Paradas LGBT de São Paulo e do Rio de Janeiro.⁹ O autor lembrava que, nas últimas décadas, “a emergência pública do fenômeno ‘gay’ tem mostrado que homossexualidade masculina não é sinônima de “efeminação”. A afirmação de uma homossexualidade viril seria para muitos uma questão política, à medida que desestabiliza o paradigma da “inversão sexual”, que produz a homossexualidade masculina como resultado do “aprisionamento de suposta alma feminina em um corpo masculino”.¹⁰

“Para alguns, por aumentar o preconceito, a feminilidade parece politicamente incorreta nos homens. Para outros, deve ser cuidadosamente policiada pelos que se aventuram no mercado dos afetos e paixões” (Carrara, 2005).

O autor questionava no artigo até que ponto “a adequação às normas de gênero vigentes é, para muitos, o preço para ingressar no universo da cidadania ou da conjugalidade bem-sucedida”. E concluía com uma indagação: “Afinal, apenas os homossexuais viris, discretos e bem comportados merecem o paraíso?” (*ibidem*).

Estas ideias fizeram muito sentido em meu trabalho de campo inicial, quando percebi que estava observando, contextualmente, a valorização de atributos associados à virilidade e à produção do “macho” como sujeito e objeto de desejo, que são elementos implicados nos processos de materialização dos corpos e de produção de subjetividades em muitos dos contextos de circulação de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens no Brasil contemporâneo.¹¹ Tais convenções apareceram bastante difundidas, e diversamente marcadas, nos locais que investiguei durante o pré-campo. Havia aí uma questão a ser investigada, que

⁹ Trata-se de um *survey* realizado pelo Datafolha na Parada de São Paulo de 2005, além da pesquisa conduzida pelo CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), pelo Grupo Arco-Íris e pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes na Parada do Rio de Janeiro de 2004.

¹⁰ Em sua bela etnografia sobre a prostituição viril na São Paulo de fins dos anos 70 e início dos 80 do século passado, Néstor Perlongher retomou as afirmações de Pollak para lembrar que “o aparecimento no seio homossexual de uma imagem viril em oposição à imagem efeminada” está na raiz da instauração de uma “identidade homossexual” (Perlongher, 2008:79-80).

¹¹ Ver a respeito Braz, 2007a; 2007b; 2007c; 2008; 2009a e 2009b; Santos, 2007; 2008; Sívori, 2002; 2006; França, 2009.

chamava a atenção por sua ambivalência.

Por um lado, a valorização de estereótipos associados à masculinidade em estabelecimentos para sexo *gays* permitia pensar em rearticulações ou deslocamentos de convenções relativas a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais que compõem a matriz heteronormativa de gênero (Butler, 2003).¹² Por outro lado, o rechaço aos atributos associados à “efeminação” implicava hierarquizações e, nesse sentido, é possível discutir diferentes maneiras pelas quais essa ambivalência pode ser interpretada antropologicamente à luz de dados etnográficos. Restava, porém, resolver o problema da delimitação do campo de investigações.

Clubes... de sexo

Além de cinemas pornográficos e saunas, descobri durante o pré-campo que havia em São Paulo desde o final dos anos 1990 estabelecimentos chamados de “clubes de sexo”.¹³

Boa parte da bibliografia que trata dos *leather bars* norte-americanos e europeus entre as décadas de 1960 a 1980 aponta o fato de que seu surgimento se deu em contextos socioculturais que implicavam a possível “contestação”, por parte de homens *gays*, da associação direta e mecânica entre suas escolhas e práticas afetivo-sexuais e o “estigma” da “efeminação”, do “desvio”, da “inversão”, de

¹² Para Butler, a “heterossexualização do desejo” requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. O efeito substantivo do gênero seria *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. A identidade de gênero (relação “coerente” entre sexo, gênero, prática sexual e desejo) seria o efeito de uma prática reguladora que pode ser identificada como heterossexualidade compulsória. “A coerência ou a unidade interna de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exige assim uma heterossexualidade estável e oposicional. [...] Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (Butler, 2003:45). De acordo com Richard Miskolci e Larissa Pelúcio, “o conceito de heteronormatividade sintetiza o conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social e não apenas no que concerne à escolha de parceiro amoroso; alude, também, ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade” (Miskolci & Pelúcio, 2008:16).

¹³ Refiro-me aos estabelecimentos pesquisados em São Paulo como clubes de sexo. Contudo, um dos locais investigados, como se verá adiante, é apontado como um bar. Não um bar qualquer, mas um *cruising-bar* – literalmente, um “bar para a caça” (*cruising*). Esse bar é contudo apontado como o primeiro estabelecimento a diferenciar-se dos locais para sexo tomados pelos entrevistados como “tradicionais”. Foi uma espécie de “pioneiro” para o surgimento dos clubes de sexo. Por isso, esta pesquisa o incluiu.

uma masculinidade tida como “falha” (Rubin, 1991; Brodsky, 2008).

Levine também indica essa direção na sua análise sobre os “clones” *gays* nova-iorquinos do final da década de 1970 (Levine, 1998). O “*gay* macho” por ele estudado “clonava” as figuras estereotípicas do homem heterossexual norte-americano (caubóis, motoqueiros em couro, esportistas, lenhadores, operários, *body-builders*), subvertendo a ideia de que sua virilidade estivesse necessariamente atrelada à heterossexualidade.¹⁴ Por isso eram “clones”. Assim como o eram os *leathers*, cujas experimentações sexuais (como a prática do *fist-fucking* e do sexo grupal) em bares e clubes de sexo estavam fortemente carregadas desses mesmos estereótipos.

Em 1975 é criado em São Francisco o *Catacombs*, clube que rapidamente se torna referência para festas *leather* e para a prática do *fist-fucking* (penetração anal com o punho). Ele, segundo Rubin, foi uma “Meca” da prática, atraindo *fisters* de todo o Ocidente para participar de suas festas. Com o surgimento da epidemia da aids, no início dos anos 80, o clube fecha suas portas (Rubin, 1991).

Já no início da década de 1980, Rubin alertava para o fato de que o medo da aids afetaria a ideologia sexual, especialmente entre os homossexuais (Rubin, 1993). Segundo a autora, no momento em que os homossexuais estavam conseguindo resultados positivos em sua luta para livrar-se do estigma que associava a homossexualidade à doença mental, eles se viram metaforicamente associados à imagem da degradação física fatal. A síndrome, suas características específicas e forma de transmissão foram usadas para fortalecer velhos medos de que a atividade sexual, a homossexualidade e a “promiscuidade” levassem à doença e à morte. Para Rubin (1993), a aids é uma tragédia pessoal para os que contraem a síndrome e uma calamidade para a “comunidade *gay*” como um todo. É sabido que nos EUA o impacto provocado pela epidemia foi um dos fatores para a perseguição e o fechamento de estabelecimentos comerciais para sexo entre homens, como saunas e clubes de sexo. Segundo Rubin, o que não foi levado em conta nesse processo foi o significado que esses locais adquiriram para a formação de comunidades *gays*. Para Ralph Bolton, a década do prazer e do perigo (Vance, 1984) fez da sexualidade *gay* masculina, mais do que nunca, algo política, social e medicamente carregado (Bolton, 1995).

¹⁴ A partir de sua pesquisa de campo nos Estados Unidos no início dos anos 2000, na qual investigava a considerável segmentação do mercado de *sex-shops* ao incorporar novas tendências das preferências e das demandas homoeróticas, Maria Filomena Gregori notou uma tendência entre os erotismos homoeróticos masculinos: a de casais de idênticos, masculinizados, denominados localmente como “clones”. Ela toma esse caso para discutir as novas conceituações sobre sexualidade, desejo e corpo desenvolvidas pelas teorias feministas de origem anglo-saxã no exame da pornografia (Gregori, 2007b).

De acordo com Levine, durante os anos 70 e início dos 80, os “clones” foram o “protótipo do gay”, tanto na mídia como na propaganda segmentada. O “estilo de vida gay clone tornou-se culturalmente dominante”, segundo ele. Até a aids. “Enquanto essa nova doença devastava a comunidade gay masculina no início dos anos 80, os cientistas descobriam que o estilo de vida clone era “tóxico” [...] Para sobreviver, muitos homens gays abandonaram o estilo de vida clone (Levine, 1998:8). Por isso, o título de seu livro, *Gay Macho: the life and death of the homosexual clone*.

Contudo, os chamados clubes de sexo masculinos (re)surgidos em grandes metrópoles a partir dos anos 1990 dialogam e apropriam-se dessas convenções. Se no início da década de 80 o impacto da epidemia da aids levou ao fechamento os *leather bars* que existiam nos EUA, clubes inspirados neles (res)surgiram a partir da década de 90, e não apenas nos Estados Unidos. Para Perez e Rubio (2006), que falam sobre o atual mercado de clubes de sexo de Madrid, na Espanha, os “clubes de sexo” são hoje “um fenômeno assumidamente transnacional, com referentes homólogos nas “cenas” gays norte-americanas e europeias”. A questão é que, do ponto de vista antropológico, é difícil imaginar que elementos pretensamente transnacionais não sejam (re)apropriados localmente, sendo inclusive esta a questão que mais interessa perceber.

Num texto de Júlio Simões e Isadora França, no qual apresentavam a “notável ampliação e diversificação dos espaços de sociabilidade homossexual, bem como das formas de expressão cultural e política das homossexualidades” na capital paulista nos últimos anos, havia a informação de que surgira recentemente em São Paulo espaços que pareciam reproduzir “o modelo europeu ou norte-americano de clube fechado, voltado para um público mais elitizado” (França & Simões, 2005:324).

Fiquei curioso para conhecê-los, imaginando quais seriam suas singularidades e aproximações diante dos estabelecimentos para sexo existentes na capital paulista desde os anos 60, como as saunas, os cinemas pornô e os *dark rooms* de boates GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) ou *gays*.

Já em suas páginas de internet, estes estabelecimentos eram apresentados como lugares para homens interessados em outros homens tidos como “masculinos”.

A eleição de clubes de sexo para homens como *lócus* de investigação foi, portanto, estratégica, pois permitia articular 1. o processo de criação de novas segmentações no mercado de lazer sexual entre homens no Brasil com 2. a apropriação contextual do que chamei em outra ocasião de “macho *versus* macho” – processo

que alude à valorização, à incorporação e à *performatividade*¹⁵ de estereótipos relacionados à virilidade nas relações afetivo-sexuais entre homens (Braz, 2007a).

Meu argumento aqui é que o mercado dos clubes de sexo em São Paulo flerta com “fetiches” presentes na pornografia *gay* e apropria-se de elementos historicamente construídos em torno dos *leather bars* norte-americanos e europeus, cruzando estereótipos tradicionalmente associados à virilidade e também à sexualidade *gay*, numa relação ambivalente entre o normativo e o transgressivo.

Altas horas...



“[Que mais você acha que é legal me falar sobre essas experiências nos clubes de sexo? algo que eu não tenha perguntado e que você ache legal frisar...]

¹⁵ Segundo Butler, a “performatividade” deve ser entendida não como um “ato” singular e delimitado, mas antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia. As normas reguladoras do “sexo” agiriam de uma maneira performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, a diferença sexual, visando consolidar o imperativo heterossexual (Butler, 2002). É por isso que a autora busca como referencial as ideias de Austin. No plano linguístico, Austin (1980) permite perceber como os sentidos das palavras não são dados de antemão, mas construídos na relação que os termos estabelecem contextualmente. Essa noção de “in-completude” e de abertura dos termos é interessante para Butler.

Acho que já falei tudo. Não sei mesmo...

[algo que você acha que pode me ajudar a entender melhor esses clubes?]

Você tem que entender o tesão das pessoas. E não os clubes”.

[Ricardo,¹⁶ 34 anos, São Paulo-SP, conversa via MSN, de madrugada]

Em algum ponto do primeiro ano de doutorado, troquei o dia pela noite. Eu não havia ainda definido que iria estudar, dentre os diversos locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens existentes em São Paulo, os chamados “clubes de sexo” ou “bares de sexo”. Mas esta não era a minha maior preocupação. O que me inquietava era que eu não tinha a menor ideia de como conseguir colaboradores para esta pesquisa.

Pairava em minha cabeça o fantasma dos riscos éticos que esta etnografia poderia vir a implicar. A despeito do pioneirismo da obra de Laud Humphreys (1970) no que diz respeito à sociologia do sexo entre homens em locais públicos, seu trabalho tornou-se famoso por conta dos graves problemas gerados a partir das técnicas de pesquisa empregadas pelo autor.¹⁷ Para conseguir entrevistados visando analisar sociologicamente as interações sexuais entre frequentadores de banheiros de parques, o autor chegou a anotar as placas dos veículos estacionados nos seus arredores, para posteriormente buscar seus proprietários em suas residências e aplicar questionários.

Assim como na pesquisa de Humphreys, sabia que estava lidando aqui com “caleidoscópios de fluidez sexual” (Carrara & Simões, 2007). Ao longo do pré-campo já pude perceber que muitos frequentadores não tinham interesse em “visibilizar” fora dos LCES nem suas preferências erótico-sexuais, tampouco sua ida aos estabelecimentos investigados. Nesse cenário, tomei como um pressuposto a necessidade de deixar claro desde o início para aqueles com quem conversasse em campo, seja via internet, seja face a face, qual era meu objetivo – mesmo correndo o risco de que isto de algum modo “filtrasse” quem estaria ou não disposto a colaborar comigo.

O fato de eu morar em Campinas, a 100km de distância da capital, era outra dificuldade. Felizmente, eu tinha amigos e amigas morando em São Paulo que puderam me receber em suas casas nos finais de semana, quando passava tardes e

¹⁶ Os nomes que aparecem neste trabalho foram inventados. Os trechos das conversas por MSN apresentados foram editados para facilitar a leitura, evitando os sinais gráficos, abreviações e erros de digitação próprios das conversas realizadas pela internet.

¹⁷ A esse respeito, ver, por exemplo, Leap (1999), Sívori (2002), Carrara & Simões (2007).

noites perambulando por saunas e cinemas pornôs no centro da cidade.

Durante a semana permanecia em Campinas, acessando páginas da internet para a busca de parceiros afetivo-sexuais, bem como o já citado *Orkut*. Criei perfis nessas páginas sob o pseudônimo de “Antropólogo Unicamp”, e através deles explicava qual o tema da pesquisa, disponibilizava o endereço eletrônico de meu currículo cadastrado na plataforma *lattes*, e deixava um e-mail para contato e um endereço de MSN (programa de mensagens instantâneas) que criei especialmente para a pesquisa. Especifiquei que procurava colaboradores maiores de 18 anos, e que meus únicos critérios eram que eles já tivessem frequentado clubes de sexo ao menos uma vez e que estivessem dispostos a compartilhar comigo suas experiências nesses locais em conversas, inicialmente via MSN.

“Mas... você é gay também?”

Era na madrugada que encontrava meus possíveis colaboradores no MSN. Foi um trabalho exaustivo: inúmeras pessoas me adicionavam e depois revelavam não ter ido a nenhum local comercial para sexo, outras “fugiam” assim que iniciávamos a conversa. Por mais que tenha buscado sempre deixar claro meus interesses nos perfis criados, por vezes parecia que ninguém lia minha descrição neles.

Muitas das conversas estabelecidas pela internet estiveram o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações do meu *avatar*.¹⁸ Certas expectativas e percepções que associam o uso da rede para a busca de parceiros sexuais, ou para o chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas.

“Cara, na boa, essa foto é tua?”

[sim...]

putz, com o devido respeito, te acho um T... cara

[Uau! Obrigado...]

não sei se você tá ainda “enrolado”, mas cara, falei de boa.

[risos... enrolado?! Nós moramos juntos há dois anos... risos]

eu sei disso, você me contou, hahaha...o termo “enrolado” foi carinhoso.

18 Avatares podem ser entendidos como “corpos virtualizados” – são as imagens que nos representam em nossas interações *on line* (Parreiras, 2008).

[eu sei, eu sei. risos]

mas são liberais? Risos”

[Rafael, 39 anos, interior de SP, conversa via MSN]

Muitos entrevistados questionavam durante a conversa sobre mim, desde minhas preferências erótico-sexuais, até meu estado civil. Alguns deles, já desde o início da conversa, como no exemplo abaixo:

“Você é gay também?

[por quê?]

Porque aí fica mais fácil conversar.”

[João, 37 anos, ABC-SP, conversa via MSN]

Percebi que havia certos marcadores operando no sentido de materializar quem era esse pesquisador misterioso, de que posição de sujeito ele estava falando, se ele era “legítimo” ou não para perguntar sobre assuntos tão íntimos – se ele era “gay também”, ou se “curtia homens” também, o que da perspectiva de muitos deles facilitaria o diálogo.¹⁹

Ao longo de pouco mais de dois anos, conversei com 29 homens via MSN, sendo que com alguns deles mantive contato por quase todo esse período. É interessante frisar que minha postura nunca foi a de enviar mensagens para os usuários das páginas nas quais criei meus perfis. O que eu fazia no Orkut era enviar mensagens aos fóruns das comunidades, convidando quem estivesse disposto a colaborar. Nos sites de relacionamento, estar *on line* fazia com que meu perfil ficasse em evidência. Aqueles que tiveram interesse em conversar comigo, espontaneamente me escreveram informando seus contatos, seja seus endereços de MSN ou seus e-mails. Alguns deles nunca haviam ido a clubes de sexo propriamente, mas conversávamos sobre outros estabelecimentos, como saunas e “cinemões”.

Comecei a conversar com os primeiros colaboradores de pesquisa via MSN ao mesmo tempo em que iniciava a pesquisa de campo. Assim, as conversas iniciais foram menos sistematizadas do que as últimas, realizadas ao final da pesquisa etnográfica, quando meu objeto já estava delimitado e a observação do cotidiano

¹⁹ É curioso perceber que isso se repetiu posteriormente, quando da realização de entrevistas presenciais com frequentadores dos clubes. A esse respeito, consultar Braz & Parreiras (2008) e Braz (2009a).

nos clubes quase finalizada. Apesar disso, posso dizer que mesmo as primeiras entrevistas versaram, de maneira geral, sobre tópicos e temas bem próximos aos que estabeleci no roteiro aplicado àquelas mais recentes, bem como nas realizadas presencialmente. Tanto o pré-campo quanto essas primeiras conversas me ajudaram na delimitação do foco da pesquisa e também na elaboração processual do roteiro de perguntas que utilizei para as conversas presenciais.

Ao final do trabalho de campo nos bares e nos clubes de sexo,²⁰ realizei entrevistas gravadas com alguns de seus frequentadores e com seus empresários e idealizadores.

Mas agora confessa...

Logo que cheguei ao Blackout, apontado em sua página como o primeiro clube de sexo gay do Brasil, guardei minhas roupas e, apenas de cueca e tênis, fui até o bar e pedi uma coca-cola. Era minha primeira vez num clube de sexo. Enquanto conversava com o barman, chegou um rapaz de cueca branca, que cumprimentou o funcionário como um velho conhecido. Puxei papo com ele mais tarde, quando ele foi buscar uma camisa no armário. Perguntei-lhe se era permitido ficar de camiseta, pois o traje obrigatório era sunga ou cueca. Ele disse que sim, pois estava frio. De qualquer modo, já era “conhecido” da casa e ninguém reclamaria com ele. Fazia frio mesmo e eu não aguentava mais ficar só de cueca, então peguei minha camiseta também. Ficamos conversando sentados nos banquinhos da sala da mesa de sinucas. Ele perguntou se era minha primeira vez lá e eu disse que sim. Perguntou de onde eu era e eu respondi que era de Campinas. Ficamos conversando sobre os locais gays de Campinas e São Paulo. Perguntei se ele conhecia mais locais de sexo e ele riu. Disse que não. Que só ia lá mesmo. E que quando vai até lá e conhece alguém legal, “assim como eu”, costuma ficar a noite toda só com aquela pessoa. Percebi que ele estava me cantando nessa hora, e pensei em já abrir o jogo, contando que eu estava ali fazendo uma pesquisa. Mas ele quis me mostrar o resto da casa, e me levou até o saguão. No local onde ficam os mictórios, me abordou diretamente. Disse que havia gostado de mim e perguntou se eu não queria ficar com ele. Eu disse que estava ali só para olhar e, antes que eu prosseguisse, ele baixou a cueca e me mostrou seu pênis. Disse que se eu gostava de olhar, ele poderia se masturbar para eu ver. Eu fiquei sem reação e pensei: “ferrou”. Então contei que era antropólogo, e expliquei para ele sobre minha pesquisa. Ele

²⁰ Minhas idas a campo nos cinco estabelecimentos de São Paulo foram de setembro de 2006 a maio de 2008.

ficou perplexo e por fim, rindo, me perguntou se, afinal, isso impedia que a gente transasse (Diário de campo, São Paulo, outubro de 2006).

“Mas agora confessa: como você se comporta lá dentro?” Perguntas como esta me perseguiram durante toda a realização do trabalho de campo. Algumas vezes, fui indagado diretamente se praticava ou não sexo em campo. Ou mesmo se tinha um desejo oculto, uma vontade não dita de fazê-lo. Em outros momentos, a dúvida era posta de maneira indireta – afinal, o que me levava, “no fundo”, a estudar esses clubes? Qual “o meu verdadeiro interesse” nesse universo de práticas erótico-sexuais? Como manter a ética antropológica e o distanciamento etnográfico nesta pesquisa? Tais indagações surgiram tanto “em campo” quanto em conversas com amigos/as, não raro colegas de disciplina. Enunciada de diferentes modos, por diversos sujeitos, em diferentes contextos, uma reação recorrente à minha investigação era, assim, um ar de desconfiança quanto ao meu “real” interesse pelo campo e meu “verdadeiro” comportamento nele.

Percebi que estes questionamentos poderiam render algumas problematizações. De acordo com Maria Elvira Díaz-Benítez (2009), o método de observação direta em contextos de interação sexual ainda não constitui, no Brasil, um campo de interlocução consolidado na antropologia. A autora lembra que a maioria das investigações sobre sexualidades realizadas no país “têm como base metodológica entrevistas, conversas e questionários” (Díaz-Benítez, 2009:16).

Nesta investigação, observei diretamente práticas sexuais diversas. E até mesmo a busca por colaboradores para conversas e entrevistas demandou minha inserção em situações permeadas pelo desejo. Foi uma pesquisa realizada em meio a “cantadas” e flertes, tanto nas conversas por internet quanto nos clubes. Além disso, os questionamentos acerca de meu “real interesse” por esse campo apontavam para algumas discussões acerca das implicações da realização de etnografias em contextos eróticos. É por isso que resolvi chamar esta etnografia de “imprópria”: não apenas pelo trabalho de campo que implicava, mas pelo possível diálogo com uma bibliografia que toma tais “impropriedades” como ponto de partida para um questionamento de determinadas premissas antropológicas, tais como a da “objetividade”, da possibilidade de “distanciamento” e da própria “autoridade etnográfica” (Clifford, 1998).

Tabus e etnografias impróprias

A temática do sexo está longe de ser um tabu na antropologia, estando presente desde os textos clássicos, como a etnografia de Malinowski a respeito da “vida sexual dos selvagens”, de 1929. A questão é que se durante várias décadas a dis-

ciplina preocupou-se com o sexo “dos outros”, os/as antropólogos/as não falavam em seus textos nem sobre sua própria sexualidade, nem sobre suas possíveis experiências erótico-sexuais em campo (Kulick, 1995). A obra de Kulick e Willson, *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (1995), trilha o caminho para debates em torno destas questões na antropologia, não apenas no exterior como no Brasil (ver Rojo, 2003).

A crítica recente à proibição prescritiva do sexo em campo e ao silêncio disciplinar em torno desta questão (Kulick, 1995), bem como as indagações contemporâneas acerca das implicações teórico-metodológicas e das possibilidades interpretativas a partir de envolvimento afetivo-sexuais em campo inserem-se em um debate mais amplo e anterior na antropologia. O paradigma da “reflexividade”, que tem como expoente o trabalho de Rabinow ainda nos anos 70 acerca do trabalho de campo como uma operação colaborativa, na qual os informantes e o antropólogo constroem mutuamente explicações e interpretações (Rabinow, 1992), e o interpretativismo de meados da década de 1980 em antropologia (Clifford & Marcus, 1986; Geertz, 1989; Clifford, 1998) trouxeram uma virada teórica que permitiu aos/às antropólogos/as, ao mesmo tempo, criticarem a “autoridade etnográfica” como se fosse calcada no mito da objetividade científica, e questionarem a invisibilidade do/a pesquisador/a no texto antropológico (Leap & Lewin, 1996).

Tais ideias foram fortemente suscitadas também pela antropologia de inspiração feminista que, desde os anos 70, questiona a objetividade científica e responde a críticas sobre a suposta impossibilidade de distanciamento etnográfico (Leap & Lewin, 1996). A crítica de Kulick enfatiza que isto não quebrou o silêncio em torno da “subjetividade erótica” do/a pesquisador/a, que permanecia, no texto, celibatário/a (Kulick, 1995).

Concordo com Kulick quando afirma que o desejo no campo pode ser um dos modos com que os/as antropólogos/as se percebem sabidamente posicionados e parciais, e que isto pode ser muito produtivo. E este é o caso, independente de o “agente desejante” ser o antropólogo ou outra pessoa no campo (Kulick, 1995). Tais debates auxiliam em parte na interpretação das “desconfianças” que envolvem meu trabalho de campo em clubes de sexo para homens. Contudo, não explicam a vinculação necessária entre “etnografar locais de sexo” e “fazer sexo neles”. O fato de estar tratando aqui não apenas de sexo, mas de sexo entre homens, portanto, de práticas sexuais consideradas “dissidentes”, não é nesse sentido banal.

Segundo Leap e Lewin, que organizaram uma coletânea de artigos sobre as experiências de campo de antropólogos/as gays e lésbicas, o estudo da homossexualidade aciona uma série de “suspeitas” (Leap & Lewin, 1996). A primeira delas diz respeito à sexualidade do/a pesquisador/a. A segunda, quanto à possibilidade de objetividade e distanciamento etnográficos nos chamados estudos “gays elésbi-

cos”, o mesmo tipo de críticas dirigidas às acadêmicas feministas ainda nos anos 70.

Ralph Bolton é um dos antropólogos que criticam as proibições do sexo em campo (Bolton, 1995). Para ele, a decisão de se fazer ou não sexo deve ser algo individual, desde que o/a pesquisador/a não se utilize do sexo para a aquisição de informações. O autor explicita que estar aberto a experiências sexuais foi crucial para o desenvolvimento de sua pesquisa em saunas *gays* na Bélgica (Bolton, 1995). Contudo, certos aspectos de sua argumentação me parecem questionáveis. Bolton parte da premissa de que dentro das chamadas “comunidades *gays*” o sexo é algo fundamental para dizer que, entre homens *gays*, o sexo permitiria o estabelecimento da intimidade, tão necessária para a aventura antropológica. Ele conclui que seria “muito difícil para um homem *gay* estudar ambientes tão altamente carregados de erotismo e não se sentir tentado a participar” (Bolton, 1995:150).

Talvez não seja necessário pontuar acriticamente a suposta erotização exacerbada dos homens *gays* para criticar a necessidade de “celibato” em campo. E talvez resida justamente nestes estereótipos uma possibilidade interpretativa para as “desconfianças” em torno do meu comportamento nos clubes.

Se a prática sexual do/a antropólogo/a durante o trabalho de campo (Bolton, 1995) ou o envolvimento afetivo-sexual com sujeitos de pesquisa (Rojo, 2003; Kulick & Wilson, 1995) e a análise das suas implicações para a negociação e a construção da interpretação são boas oportunidades para questionar certas premissas antropológicas, a postulação da necessidade de praticar sexo em campo para compreendê-lo ou interpretá-lo antropológicamente não deixa de ser menos problemática e o seu questionamento pode ser igualmente instigante para a constituição da reflexividade (ver Díaz-Benítez, 2008).

O incômodo gerado por tais questionamentos pôde ser, por um lado, bastante produtivo, uma vez que me levou à tentativa de compreender e buscar interpretar as maneiras como o meu próprio corpo estava sendo materializado nos clubes pesquisados, uma primeira aproximação para o entendimento da materialização dos corpos (in)desejáveis nesses estabelecimentos (Braz, 2009a).

Csordas (1999) afirma que o corpo pode ser construído ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do estar-no-mundo. Isto significa manter em mente a possibilidade de que a representação tem a possibilidade de ser entendida como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. O corpo pode não só ser visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”.

Nesse sentido, a experiência corporal (porque, sobretudo, perceptiva) dos sujeitos estudados e também do/a antropólogo/a pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento,

nem de “virar nativo”, mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada aos sujeitos da pesquisa e ao/a próprio/a pesquisador/a.

Nos clubes, fiquei atento para tentar perceber quem era mais ou menos olhado, paquerado, assediado. E quem era “deixado de lado”. Isso incluiu a mim mesmo. Em campo, muitas vezes as pessoas com quem conversei e a quem entrevistei utilizaram meu corpo para exemplificar seja o que as atraía, seja o que as repelia. Uma maneira de perceber a materialização corporal dos sujeitos nesses clubes foi tentar entender a partir de quais parâmetros meu próprio corpo se tornou, para eles, inteligível.

A despeito de minha própria vontade, eu não era invisível nos clubes e minha inserção neles esteve permeada pelas expectativas criadas sobre mim quando estive em campo. E pelas minhas próprias expectativas quanto ao campo. Minha postura de observador foi interpretada a partir de diferentes convenções que permeiam esses espaços. A minha saída foi tentar tornar seja o desejo, seja o “estranhamento” por parte dos frequentadores dos clubes (ou de seu *staff*) uma oportunidade para me aproximar deles e explicar o que estava buscando, fazendo e querendo ali. E a partir daí consegui alguns dos colaboradores da pesquisa.

Se num primeiro momento eu fui, para aqueles em quem despertava desejo, um possível parceiro sexual, num segundo momento eu me transformava, situacionalmente, seja em *voyeur*, seja em “tímido”, em “careta”, em “metido”, em “professor”, em “curioso”, dentre outras tantas possibilidades. Nessa pesquisa, eu fui de certo modo “liminar” em muitos sentidos – “o cara de Campinas” tentando me localizar e ser localizado na metrópole São Paulo; “o cara esquisito” que, estranhamente, entra nos clubes “para não fazer nada”.

E foi assim, “não fazendo nada” que passei, algumas vezes sozinho, outras junto a Danilo, a frequentar os clubes de sexo nos finais de semana. Ele viria a ser meu principal colaborador neste trabalho, além de ter se tornado um grande amigo. Danilo tinha 32 anos quando nos aproximamos. “Branco”,²¹ “homossexual ou gay”, com nível superior, nascido numa capital do Nordeste (mas amante inveterado da cidade que escolheu para viver, São Paulo), ele fazia parte de um grupo ligado ao movimento LGBT, e foi por meio de amigos em comum que nos aproximamos. No início, conversamos longamente por MSN, até que passei a

²¹ As referências à raça/cor e à orientação/opção sexual aqui mencionadas foram aquelas espontaneamente utilizadas pelos colaboradores da pesquisa. Não é à toa que surgem entre aspas. Segundo Judith Butler, elas servem para mostrar que eles estão sob crítica, disponíveis para iniciar uma disputa, questionar sua disposição tradicional e pedir por algum outro termo. Mostram que o modo como a materialidade deles é circunscrita é isso, é algo totalmente político. O efeito das aspas é desnaturalizar os termos, designar esses signos como lugares de debate político (Butler, 1998).

frequentar sua casa e ir com ele a vários LCES da cidade, primeiro nos finais de semana, por vezes por períodos mais longos. Revezava os clubes, buscando observar tudo e todos, esperando conhecer pessoas que estivessem dispostas a me ajudar com a pesquisa.

Mr. Benson invites you...

Numa tarde, em Campinas, recebi um telefonema de Danilo convidando-me a ir assistir a uma palestra de um dos expoentes do BDSM e do *leather* entre homens de São Paulo. Foi assim que conheci Mr. Benson.²²

Fazia tempo que aguardava que fôssemos apresentados. Fui a São Paulo, onde assisti, entusiasmado, à sua fala sobre BDSM na associação LGBT da qual Danilo fazia parte. Alto, esguio, todo em couro, com quepe e coturnos, fumando seus cigarros de filtro amarelo, Mr. Benson terminou a palestra convidando os presentes para irem com ele ao aniversário do clube RG, na vila Mariana. Vale ressaltar para a análise aqui proposta que neste estabelecimento a nudez é obrigatória.

Eu não esperava conhecer o clube naquele dia, não havia feito o cadastro que, em sua página da internet, constava como obrigatório para a entrada.²³ “Você estará comigo”, ele disse. Eu não entendi. Ele riu. E depois, fitando-me com seu par de penetrantes olhos verdes, repetiu: “você estará comigo, não vai precisar de cadastro nenhum”.

E foi assim que conheci, no mesmo dia, um dos principais colaboradores da pesquisa e um dos clubes investigados em São Paulo.

Foi meio estranho, a princípio. Ter de ficar nu. Apenas com os calçados e com a máscara que ganhei na entrada. Era uma festa de “mascarados”, para comemorar o aniversário do clube. A máscara preta, de elástico, me

²² O pseudônimo utilizado aqui é um agradecimento e uma homenagem. *Mr. Benson*, de John Preston, é reconhecido como um dos mais importantes romances *leathers* norte-americanos e me foi por ele emprestado numa das vezes em que fui à sua casa para entrevistá-lo. A novela teve sua publicação seriada na revista *Drummers*, nos anos 1970 (Califia, 1991).

²³ Os itens do cadastro: ter uma aparência e uma atitude “masculina”; ter o peso proporcional à altura; ter entre 18 e 55 anos; ser “resolvido” e open minded – que, segundo alguns sujeitos de pesquisa, significaria não se restringir a fazer sexo só com um parceiro durante a festa, não fazer “carão”, nem “bançar o difícil”, estar, enfim, disposto mesmo a fazer sexo, muito embora a consensualidade seja valorizada em todos os estabelecimentos por meio da norma de que “não é não”.

foi entregue pelo dono do local, que havia mandado fazer um enorme bolo em formato de pênis, avistado logo na entrada. Em volta dele, alguns rapazes já nus, apenas de tênis ou coturnos, altos e musculosos, comiam seus pedaços. No andar de baixo havia uma grande cama coletiva. A maioria dos frequentadores fazia sexo nesse espaço. O clube estava bem cheio, acho que umas 200 pessoas! A presença de malhados, “sarados” e “bombados” era marcante nesse dia. Havia alguns homens mais velhos. Barrigudos, gordinhos. Mas muitos eram “bombados”. Um público “seleto”. Parece que a estratégia de “afastar as bichinhas” por meio do cadastro, ainda que ele seja “pró-forma”, como havia me dito Mr. Benson no carro enquanto íamos para lá, funciona bem. Eu pude ver e ouvir o “macho versus macho” em carne, ossos e músculos. Havia alguns garotos na faixa dos 20 aos 25 anos. E quase não havia negros. Um público muito parecido com o que frequenta as boates da moda. O som tocado próximo ao bar também lembrava o das boates do circuito GLS “moderno”. A iluminação era penumbra, o que parece ser uma convenção em locais como esse. Depois de meia hora lá dentro, a nudez deixa de ser algo estranho. O que passa a ser esquisito é ver alguém chegando ao local ainda com as roupas, ou ver os funcionários da casa vestidos, circulando para lá e para cá. Eu percebi que muitos me olhavam. Roçavam em mim enquanto eu passava de espaço em espaço, apenas observando. Tentavam pegar em mim e eu me esquivava. Queria passar incólume, o mais neutro possível. Mas minha nudez não lhes era invisível (Diário de campo, São Paulo, setembro de 2006).

Trago estas notas etnográficas porque elas textualizam e anunciam algumas reflexões acerca da minha inserção etnográfica nos clubes de sexo masculinos. Nessa minha primeira vez no RG, comentando com um dos frequentadores o quanto me era estranho ter de ficar nu para fazer a pesquisa, ele me disse que isso era uma bobagem – afinal, eu (que na época estava com 25 anos e praticava musculação) tinha um corpo “digno de ser mostrado”. Ele apontou então para um cliente que estava sentado no bar. Era um senhor, de cabelos brancos, meio “acima do peso”, e disse, rindo, que “ele sim deveria ficar com vergonha”. Mas não eu.

Ter em mente que as diferenças operam marcando nossa constituição subjetiva em campo pode ser uma boa oportunidade para começar a compreender como elas estão presentes nos contextos estudados – o que, em última análise, é um dos objetivos possíveis a serem almejados quando nos propomos a fazer a antropologia deles. Sendo esta uma pesquisa que demandou necessariamente a minha exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar essa “saia-justa”²⁴ metodológica e analiticamente rentável foi

²⁴ A esse respeito, ver a interessante coletânea organizada por Bonetti & Fleischer (2007).

tomar a corporalidade tanto como objeto de investigação, quanto em certo sentido como metodologia de pesquisa.

Pensar sobre o modo como a nudez – minha própria e a dos outros – foi percebida nesses espaços permitiu um olhar inicial sobre as convenções que regem a corporalidade (in)desejável dentro deles. Isto me levou à formulação da reflexão de que “nem toda nudez seria castigada” nesses espaços – é preciso ter, neles, como já anunciava o cadastro de um dos clubes, um “corpo proporcional à altura”.

Nesse sentido, o corpo foi aqui tomado não apenas como sujeito/objeto de reflexões, mas como fios narrativos e também analíticos.²⁵ A experiência da nudez em campo²⁶ abriu a possibilidade de enxergar que nos clubes, ao se ficar nu, paradoxalmente se vestem outras “roupas”, ainda que simbólicas – eu, por exemplo, em certo sentido, nunca estive completamente nu em campo, mas sim “vestido de antropólogo” (Braz, 2009a).

Minha posição é a de que, no limite, como afirma o próprio Bolton, a decisão de se fazer ou não sexo deve ser algo individual, desde que o/a pesquisador/a não se utilize do sexo para a aquisição de informações. É preciso estender a noção de “consensualidade” (que inclusive é bastante valorizada nos clubes de sexo que pesquisei) ao/a antropólogo/a. É possível construir interpretações antropológicas de situações erótico-sexuais praticando sexo ou não, desde que nossa presença em campo, ou a maneira como somos nele materializados/as por nossos/as colaboradores, não permaneça invisível no nosso texto. Esta me parece ser a questão relevante aqui. O que eu precisei foi estabelecer diálogos com quem praticava sexo, observar parte dessas práticas e levar em consideração que eu, como qualquer outro, era “lido” nos clubes também a partir de minha corporalidade.

Eu tive de aprender a me comportar nos clubes. Não raras foram as vezes em que conversei animadamente na área do bar com meus interlocutores, quando de maneira lúdica eles analisavam minha postura e me ensinavam a sentar “como macho”. Também não foram poucas as ocasiões em que Danilo me ensinou como deveria ser a postura na “caça”, nas áreas voltadas ao sexo. Ou mesmo me ajudou a escolher uma cueca “decente” para irmos a algum clube. A “virilidade” performatizada nesses locais, em suas salas de “silêncio, suor e sexo”, é algo que se aprende também com e no corpo. E ao “incorporar” algumas de suas convenções (por exemplo, como negar um flerte de maneira cordial, não cruzando o olhar), eu

²⁵ Cabe lembrar que tal perspectiva não é novidade nas ciências sociais e está presente, por exemplo, nos trabalhos de Wacquant (2002), Csordas (1999) e Vale de Almeida (1996). Ver também Braz (2006).

²⁶ Sobre a nudez em campo, consultar Rojo (2003) e Oliveira, 2007.

as estava aprendendo e, nesse processo, interpretando. O que busco aqui, à guisa de conclusão, é escrevê-las.

Aqueles com quem pude dialogar ao longo do trabalho de campo enfatizaram que, nos clubes de sexo, os “corpos que mais importam”, para utilizar a expressão de Judith Butler, são os mesmos de outros contextos de sociabilidade e “caça” (*cruising*) entre homens: jovens, bonitos, bem-dotados, másculos... Contudo, a partir dos diálogos e das minhas observações em campo, percebi que essa reiteração de convenções tem suas nuances. As falas deles apontam muito mais para uma ideia de controle corporal no sentido de seus “excessos”. Expressões como “muito gordo”, “muito barrigudo”, “muito velho” foram largamente utilizadas para descrever aqueles que não “fazem sucesso” algum nesses estabelecimentos. No que diz respeito à valorização discursiva de estereótipos de virilidade na contextualização dos sujeitos e dos corpos nos clubes de sexo, um primeiro passo é dissociar a penetração do corpo de sua “feminização”.

Um segundo passo é pensar que quando esses homens se dizem “machos” não estão se opondo necessariamente à “feminilidade”. A rejeição aqui é de quaisquer atributos – corporais, gestuais, comportamentais, relativos a sentimentos – que possam ser relacionados ao estereótipo do “efeminado”. A valorização do “macho” e os discursos que constituem o macho como objeto de desejo não se opõem à “feminilidade”, no singular, e muito menos a uma feminilidade qualquer, mas sim à “bichice”, à “efeminação”. A grande maioria dos colaboradores da pesquisa ressaltou, ao falar sobre suas preferências eróticas, que preferem homens masculinos, utilizando-se de uma série de atributos e características estereotípicas para explicar o que seria essa masculinidade. Além disso, a percepção geral é a de que este é um mercado voltado para homens interessados em sexo com outros homens tidos como masculinos, “machos”.

O gênero aparece aqui então como um importante marcador a informar a inteligibilidade dos sujeitos e dos corpos que importam nos clubes de sexo estudados, na chave que venho propondo, que é a do controle das práticas corporais. Os corpos também estão aqui controlados do ponto de vista do gênero – os “excessos” a serem contidos aqui são aqueles que possam evocar “efeminação”.

Mas é preciso ter em mente que a sociabilidade nos clubes estudados não é restringida ao sexo e à “caça”. Há certa separação entre a “área do bar” e os espaços que poderíamos denominar como “área de práticas” nesses estabelecimentos. No bar, nem sempre se “faz a linha de macho”, como disseram alguns colaboradores da pesquisa. A própria ideia do “fazer a linha” implica certa noção de “teatralidade”. As falas de muitos entrevistados evocam a ideia de que a valorização da virilidade nos clubes de sexo teria muito a ver com certa noção de “fantasia”. Não se trata necessariamente, da perspectiva de meus colaboradores, de afirmar uma

“essência” masculina estável, mas de “performá-la”, ou de acionar em situações eróticas justamente aqueles atributos que possam ser lidos como viris do ponto de vista “hegemônico”.

É possível, então, questionar se essa incorporação de estereótipos de gênero em clubes de sexo masculinos constitui ou não práticas corporais potencialmente subversivas à heteronormatividade. Ainda que implique o rechaço da “efeminação”, não deixa de expor o “masculino” como uma espécie de *pastiche*. A ambivalência, contudo, permanece.

Recebido: 07/março/2009

Aceito para publicação: 08/outubro/2009

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena. 1994. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita.
- BATAILLE, Georges. 1987. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- BOLTON, Ralph. 1995. "Tricks, friends and lovers – erotic encounters in the field". In: KULICK, Don & WILLSON, Margaret. *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge.
- BONETTI, Alinne & FLEISCHER, Soraya. 2007. *Entre Saias-Justas e Jogos de Cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. 2006. *Além da Pele – um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.
- _____. 2007a. "Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo". *Cadernos Pagu*, 28, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp.
- _____. 2007b. "Nem Toda Nudez Será Castigada – sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo". In: *Ponto.Urbe*, 01, São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)/USP [online]. Disponível em www.n-a-u.org/Albuquerque2007.html. Acesso em 26 mar. 2008.
- _____. 2007c. "Corpo a Corpo: notas sobre uma etnografia imprópria". *Revista Artêmis*, 07, João Pessoa, UFPB [online]. Disponível em www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_13.pdf. Acesso em 26 mar. 2008.
- _____. 2008. "Men Only: miradas antropológicas sobre clubes de sexo para homens em São Paulo/Brasil". *Quaderns-e*, 11, Barcelona, l'Institut Catalé d'Antropologia.
- _____. 2009a. "Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens". *Revista Bagoas*, 03, Natal, UFRN.
- _____. 2009b. "Machos a la Media Luz: miradas de una antropología impropia". *Revista AIBR*, 4, Madrid, Asociación de Antropólogos Iberoamericanos en Red.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de & PARREIRAS, Carolina. 2008. "Mas você é gay também?" – algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo. VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC.
- BRODSKY, Joel I. 2008. "El Mineshaft: una etnografía retrospectiva". In: WEINBERG, Thomas S. (ed). *BDSM – Estudios sobre la dominación y la sumisión*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- _____. "Fundamentos Contingentes". 1998. *Cadernos Pagu*, 11, Campinas, Unicamp.
- CALIFIA, Pat. 1991. "The limits of the S/M relationship, or Mr. Benson doesn't live here anymore". In: THOMPSON, Mark (ed.). *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*. Boston: Alyson Publications.
- CARRARA, Sérgio. 2005. "Só os viris e discretos serão amados?". *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 19 jun.
- CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio. 2007. "Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira". *Cadernos Pagu*, 28, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp.
- CLIFFORD, James. 1998. *A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George. 1986. *Writing Culture. The poetics and politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- CSORDAS, Thomas. 1999. "The Body's Career in Anthropology". In: MOORE, H. L. *Anthropological Theory Today*. London: Polity Press.
- DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. 2008. "Dark Room Aqui": um ritual de escuridão e silêncio". *Cadernos de Campo*, 16, São Paulo, USP.
- _____. 2009. *Nas Redes do Sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. 2004. "A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções". In: CARRARA, S.; GREGORI, M. F. & PISCITELLI, A. (orgs.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- FÁBIO, Cleber Alves; FRANÇA, Danilo S. do N.; ROSA, Alexandre Juliete & VALLERINI, Anderson. 2008. "Cinemas pornôs da cidade de São Paulo". *Ponto. Urbe*, ano 2, v. 3, São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), USP.
- FRANÇA, Isadora Lins. 2006. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, USP, São Paulo.
- _____. 2007. "Sobre 'guetos' e 'rótulos': tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo". *Cadernos Pagu*, 28, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp.
- _____. 2009. "Gordos, Peludos e Masculinos: homossexualidade, gênero e produção de categorias em São Paulo". Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, SBS.
- FRANÇA, Isadora Lins & SIMÕES, Júlio. 2005. "Do Gueto ao mercado". In: GREEN, J. & TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP.
- FRY, Peter. 1982. "Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: _____. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*.

Rio de Janeiro: Zahar.

- GALLOP, Jane. 1981. "Friendship, a small number of exceptions: Bataille on Sade". In: _____. *Intersections – a reading of Sade with Bataille, Blanchot and Klossowski*. London: University of Nebraska Press.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. 2005. "São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos". In: _____. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- GREGORI, Maria Filomena. 2003. "Relações de violência e erotismo". *Cadernos Pagu*, 20, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp.
- _____. 2007. "Mercado Contemporâneo de Bens Eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais". Comunicação apresentada no 31º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu.
- _____. 2007b. "A Pornografia e os Clones da Castro Street". Trabalho apresentado na VI International Conference: Dis/Organised Pleasures Changing Bodies, Rights and Cultures, Lima/Peru, IASSCS.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. 2004. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- HUMPHREYS, Laud. 1970. *Tearoom trade: impersonal sex on public places*. Chicago: Aldine.
- KULICK, Don. 1995. "Introduction. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work". In: KULICK, Don & WILLSON, Margaret. *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge.
- LEAP, William L. (org.). 1999. *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press.
- LEAP, William; LEWIN, Ellen. 1996. "Introduction". In: LEAP, Lewin. *Out in the Field*. Chicago: University of Illinois Press.
- LEVINE, Martin P. 1998. *Gay Macho – the life and death of the homosexual clone*. New York and London: New York University Press.
- MACRAE, Edward. 2005. "Em defesa do gueto". In: GREEN, J. & TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2008. "Quando o Campo é a Cidade – fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. 2008. "Prefácio – Aquele não mais obscuro negócio do desejo". In: PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê – a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo.

- OLIVEIRA, Leandro de. 2006. *Gestos que Pesam – performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, IMS/UERJ, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Eduardo Carrascosa de. 2007. “Nudismo, Lazer e Consumo”. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, SBS.
- PARREIRAS, Carolina. 2008. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Unicamp, Campinas.
- PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. 2009. “Pulsão Invocante e Constituição de Sociabilidades Clementes – notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza”. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu.
- PÉREZ, Fernando Villaamil & RUBIO, María Isabel Jociles. 2006. *Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro entre HSH*. Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid.
- PERLONGHER, Néstor. 2005. “Territórios Marginais”. In: GREEN, J. & TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- _____. 2008. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo.
- RABINOW, Paul. 1992. *Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos*. Madrid: Ediciones Júcar.
- ROJO, Luiz Fernando. 2003. “Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo”. Comunicação apresentada na V Reunião de Antropologia do Mercosul, Florianópolis, RAM.
- RUBIN, Gayle. 1991. “The Catacombs: A temple of the butthole”. In: THOMPSON, Mark (ed.). *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*. Boston: Alyson Publications.
- _____. 1993[1984]. “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle & HALPERIN, David. (eds.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York: Routledge.
- SANTOS, Élcio Nogueira dos. 2007. “Entre Amores e Vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês”. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, SBS.
- _____. 2008. “Corpos à venda, corpos do desejo, corpos discursivos: as relações de poder inscritas nos corpos dos michês das saunas de São Paulo”. Comunicação apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, Florianópolis.
- SIMÕES, Júlio Assis. 2004. “Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: CARRARA, S.; GREGORI, M. F. & PISCITELLI, A. (orgs.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.

- SÍVORI, Horacio. 2002. "Resenha de Public Sex, Gay Space". *Mana*, vol.8, n.2, Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. 2009. "Discursos e representações sobre os territórios de "pegação" em Belo Horizonte". In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond.
- TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. 1989. *No Escurinho do Cinema...: Socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. 2000. *No Escurinho do Cinema: Cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1996. "Corpo Presente – antropologia do corpo e da incorporação". In: ALMEIDA, M. V. de (org.). *Corpo Presente – treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Portugal: Celta.
- VANCE, Carol. 1984. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. New York: Routledge.
- WACQUANT, Loic. 2002. *Corpo e Alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.